
A virada social e política de António Botto em *Ainda não se escreveu* (1959)

*António Botto's social and political turn in *Ainda não se escreveu* (1959)*

Oscar José de Paula Neto

Universidade Federal Fluminense/CAPES

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n49a589>

RESUMO

Ainda não se escreveu (1959), livro póstumo de António Botto, reúne a poesia realizada durante os seus anos de exílio no Brasil (1947-1959). Entre os variados temas que são abordados na obra, uma das principais marcas é a virada social e política empreendida pelo poeta em sua fase tardia, significativa da substancial reformulação do seu projeto poético. Nesse conjunto de poemas, o poeta apresenta uma ambivalente e contraditória maneira de refletir as questões sociopolíticas de seu contexto histórico, revelando um testemunho que mescla posicionamentos conservadores, sobretudo anticomunistas e católicos, com outros progressistas, com certos ecos e procedimentos da poesia neorrealista.

PALAVRAS-CHAVE: António Botto; Poesia Portuguesa; História Literária; Poesia Social.

ABSTRACT

Ainda não se escreveu (1959), a posthumous book by António Botto, brings together poetry written during his years of exile in Brazil (1947-1959). Among the various themes that are addressed in the work, one of the main marks is the social and political turn taken by the poet in his late phase, significant of the substantial reformulation of his poetic project.

In this set of poems, the poet presents an ambivalent and contradictory way of reflecting the socio-political issues of his historical context, revealing a testimony that mixes conservative positions, especially anti-communist and Catholic, with progressive ones, with certain echoes and procedures of neo-realist poetry.

KEYWORDS: António Botto; Portuguese Poetry; Literary History; Social Poetry.

Ainda não se escreveu é o livro póstumo de António Botto, publicado em 1959, poucos meses depois de seu falecimento em março daquele ano. Segundo nota dos editores do volume, Botto enviou mais de uma centena de poemas inéditos e organizou sua publicação em duas partes, a partir da divisão em cinco cadernos, entrecortados por alguns textos em prosa (BOTTO, 1959, p. I). O plano inicial tinha a previsão de constituir um elaborado projeto que reuniria a poesia escrita da última década, rompendo com o silêncio decorrente das circunstâncias encontradas no Brasil. Porém, apenas conhecemos a primeira parte deste esforço, os três primeiros cadernos, coligindo sessenta e um poemas e uma nota de apresentação escrita pelo poeta, enviados posteriormente para constarem neste lançamento. No preâmbulo, essencial para a compreensão das dimensões temáticas e estéticas assumidas pelo autor na obra, Botto disserta sobre os motivos de seu afastamento desde a última publicação de um livro de poesia, *Ódio e Amor*, de 1947.

O texto, intitulado “Esboço para abertura do ensaio que será publicado no próximo livro, – *Os mastros do meu navio*”, exibia o plano de Botto retornar ao mercado editorial a partir da publicação de vários volumes que conteriam a poesia gestada durante os anos em que permaneceu afastado e esquecido, preso numa atmosfera de irrelevância, percebida e corroborada pelo próprio autor em muitos dos

poemas. Em *Ainda não se escreveu*, para além da referida nota, em diversos poemas, podemos ler o ressentimento e a revolta de António Botto perante o ostracismo evidente de sua carreira.

Botto, que desde as primeiras publicações precisou reafirmar a validade de seu projeto poético, alvos de ataques constantes por parte de críticos literários e outros intelectuais portugueses, agora parecia vencido por seus detratores. Todavia, o projeto, iniciado pela obra a ser publicada, intentava mostrar que a presumida voz cansada do poeta estava apenas maturando estratégias de demonstrar que sua poesia continuava digna de interesse, apresentando as recentes produções de um escritor em contínua busca de renovação. Tal propósito ultrapassa uma certa imagem, inscrita na história literária, de António Botto como um poeta voltado apenas a certos temas, como a escrita homoerótica e o esteticismo, elementos fundantes de sua poesia, mas que reduzem a inventividade e potencialidade de sua escrita, muito mais múltipla do que parece à primeira vista.

Dono de uma carreira prolífica, na qual mesclou produções que abrangeram poesia, contos, dramaturgia, crítica de cultura, entre outras frentes de atuação artística, Botto passava pelos anos cinquenta como uma personalidade do passado, que aproveitou seu quinhão de destaque no auge das primeiras décadas do modernismo português, mas agora padecia numa espécie de “morte” literária. A despeito do silenciamento salientado por Botto na nota de abertura, o escritor publicou uma quantidade considerável de novos poemas, alguns deles rerepresentados na obra de 1959, com modificações substanciais, assim como contos e textos críticos em diversos periódicos brasileiros desde sua chegada ao Brasil. Ainda, em 1955, em decorrência do 36º Congresso Eucarístico Internacional no Rio de Janeiro, Botto publicou *Fátima – Poema do Mundo*, primeiro livro de poesia editado no Brasil, e que de certa maneira representou um dos últimos instantes de destaque do poeta. Além disso, em 1956, Botto

publica mais uma nova edição de *Canções*, contando com a reescrita de alguns poemas e a reformulação de partes da coletânea, comprometendo o resultado final de variados textos já consagrados.

Desse modo, podemos perceber que, a despeito do silenciamento, o autor manteve-se atuando até a sua morte, ainda que não houvesse mais o interesse do público nem a atenção da crítica pela recente produção. Entretanto, ainda que o autor acreditasse no potencial de *Ainda não se escreveu* como uma possibilidade de retomada, o livro passou praticamente despercebido. Talvez a morte do poeta tenha incentivado alguma visibilidade para a obra póstuma, dado que houve uma certa comoção pública imediata ocasionada pela tragédia, porém a recepção do volume foi extremamente abaixo do almejado pelo poeta, afetando também a sua circulação nos anos vindouros. A obra foi preterida tanto no instante de sua primeira publicação quanto em momentos posteriores, sendo importante sublinhar que uma nova edição só foi realizada em 2018, quando a editora Assírio & Alvim publicou a reunião completa dos livros do autor.

Assim, dar a conhecer tal fase da poesia bottiana é abrir possibilidades para mensurar as inquietações dessa fase criativa do poeta. Como afirma Maria Cristina Batalha, ao deslocarmos um olhar retrospectivo sobre uma determinada época, podemos perceber que alguns escritores sofreram um “processo de maldição” em que parcela de sua obra, considerada menor, é excluída do conjunto de textos que lhe servem de referência por não servirem para ilustrar certos pontos inscritos na história literária. Tais produções, que tendem a ficar marginalizadas na órbita do universo de um mesmo escritor, quando levadas em consideração, auxiliam-nos a investigar os complexos diálogos entre as estéticas tomadas como canônicas e não-canônicas, entre aspectos considerados conservadores e os respeitados enquanto modernos, permitindo a percepção dos contatos e rupturas entre elas, as quais iluminam fenômenos como os de anacronismo e

os de desatualização de um mesmo momento da cultura (BATALHA, 2013, p. 130).

Segundo os postulados de Batalha, podemos refletir os motivos de praticamente toda a produção exterior a *Canções* permanecer desconhecida até os dias atuais, de modo que seja explorado apenas um lado de sua obra, por este ser considerado superior aos demais e se adequar àquilo que parece ser a produção ideal do “perfil-tipo” que a tradição resolveu consagrar quando pensamos na poética bottiana. É sabido que a crítica literária estabelece uma hierarquia no interior do conjunto da obra de um mesmo escritor, separando as produções maiores das menores, valorando o que deve ser levado em consideração e definindo o que tende a ser esquecido, por estas últimas rasurarem a linearidade qualitativa e desestabilizarem o reconhecido capital simbólico do universo criativo em questão. Por isso, somos levados a refletir sobre como a ausência de avaliação crítica sobre a poesia reunida em *Ainda não se escreveu* pode ser vista como sintoma do distanciamento do que era esperado por um poeta como Botto, pois seus leitores, profissionais ou leigos, acionaram para seu julgamento um determinado rol de características anteriores, descontinuadas na fase tardia, que orientaram a validade ou irrelevância deste conjunto. Tal poesia, marcada pela avaliação geral que ressalta sua mediocridade estética, cujas imperfeição e inadequação são aspectos destacados, principalmente quando comparados à constelação de autores portugueses coetâneos da última fase do escritor, permite com que a obra póstuma siga “fora de uso”, relegado ao limbo das obras literárias sem valor definido, na marginalidade do conjunto bottiano.

Posto isto, a acentuada indiferença de *Ainda não se escreveu* pode ser explicada a partir do distanciamento do poeta de seu próprio projeto poético inicial, bem como pelo estado de aparente irrelevância de Botto no instante de seu falecimento. Ou seja, o empreendi-

mento de renovar a sua escrita e angariar novamente a atração sobre sua poesia a partir de uma nova dicção poética, mais afinada com os interesses da época e mais original no conjunto do seu universo poemático, acabou por destituir a parca atenção que restava sobre suas criações literárias. Por diversas vezes, a virada social e política de Botto foi lida e avaliada como artificial e superficial, marcada pelo pretensão tom populista que acometia a qualidade e desacreditava o efetivo alcance desta criação artística.

Por exemplo, Jorge de Sena, ao avaliar a produção poética da fase tardia de Botto, assevera que sua escrita a partir dos anos quarenta, quando a preocupação social ganha maior espaço na poesia do autor, é de “uma triste decadência, com poemas desvairadamente oportunistas na intenção de ganhar proteções convencionais”, bem como “revisões desastrosas que afectam muitos dos seus melhores poemas nas reedições, e, por fim, informes verborreias em que só raramente algum lampejo perpassa” (SENA, 1988, p. 189). O crítico, que costumou destacar o talento de Botto na poesia, influente para gerações de escritores e poetas, como os de *Presença*, viu na transformação de sua escrita um ato apelativo que demarcava o tom populista e a superficialidade assumida pelo autor nos textos que intentavam emular uma certa poesia politizada que tanto se desassociava dos principais elementos que circunscreviam o seu ofício original, voltados a uma preocupação mais estetizada do mundo. Porém, nas últimas criações, o poeta se apartou quase completamente de tudo que produziu de mais moderno e interessante, apontando o incômodo do crítico com o substancial desvio que representa esta fase.

Opinião similar também está presente num dos poucos comentários sobre a obra póstuma, publicada pelo crítico Álvaro Salema, no *Diário de Lisboa*, após o lançamento. A nota destaca a perplexidade de Salema com a fase ulterior do escritor, realçando o “azedume incoerente” e a “agressividade inquieta” que preenchem as páginas

do prefácio e muitos dos poemas publicados. O crítico destaca que nesses poemas é possível perceber “não uma evolução qualquer, mas uma viragem de crescente amargura e amargor”, onde o poeta das *Canções*, “na exaltação do seu esteticismo e do seu sensualismo, indiferente ao escárnio e ao escândalo de um amoralismo plenamente aceite na vida e na arte, mal se entrevê a enorme distância desta obra que é em toda a sua essência, uma canção de desgraça”. Por fim, conclui que o livro foi, decerto, “um remate do desespero, gerado na miséria e na solidão”, afinal “o verdadeiro António Botto”, o que está presente em toda a sua obra e, ainda, muitas vezes, se desvenda sob a fachada de alguns dos versos do exílio, “é o esteticista e o amoralista de admiráveis dons literários, mas ardentemente fechado no seu instinto e no individualismo que era sua única expressão possível” (SALEMA, 1959). Dessa maneira, no exame do crítico, podemos perceber a sua hesitação com a incoerência manifesta e a rasura que Botto impinge à própria poesia, antes alheada dos problemas contextuais. Em *Ainda não escreveu*, Salema lamenta a ausência da individualidade acentuada e a representação das banalidades e desventuras sentimentais que permearam grande parte dos escritos de Botto, elementos que davam a tônica de seu livro mais respeitado e resguardava as expectativas dos leitores.

Todavia, a crítica ao desvirtuamento da poesia bottiana, a partir da presença direta dos problemas políticos e sociais de sua época, já era um ponto que podia ser percebido desde os anos trinta. Em 1936, Botto publicou *Baionetas da Morte*, iniciando uma perceptível virada em suas preocupações e práticas de escrita. O livro, depois adicionado a *Canções* nas reedições dos anos quarenta, de certa maneira, quebra a organicidade da coletânea pela diferenciação em comparação com o restante do conjunto poético que era realizado até então, por focar-se exclusivamente na guerra.

Num artigo da revista *Sol Nascente*, de 1937, o comentarista, anônimo, ao refletir sobre a influência do temperamento na criação artística e apontar que “nenhum artista pode criar obra de valor fora da sua personalidade”, já que “quando ele [o artista] sai fora de *si próprio*, o fracasso é completo” (grifos do autor), exemplifica suas ponderações com a falta de naturalidade da poesia social de Botto, que passara a ser delineada com a referida obra:

Este poeta de grande valor emocional, que com as suas ‘Canções’, alcançou um êxito invulgar, vem de há tempos para cá empenhando-se em fazer poesia social. Iniciou esta atitude com as ‘Baionetas da Morte’ e continuou-a com alguns poemas inseridos no ‘Diário de Lisboa’. Quem tiver lido os seus livros anteriores verifica facilmente quanto é impossível a António Botto votar-se à poesia social. Conservando a sua forma inconfundível, perdeu em simplicidade, em colorido, em serenidade, em poder emotivo, portanto em Beleza. Por isso a sua franca decadência. Todos os críticos são unânimes em afirmá-lo, e também nós preferimos ainda o António Botto das Canções, porque é mais natural e mais poeta. (*Sol Nascente*, n. 4, 15 de março de 1937, p. 16.).

Segundo o comentarista, em Botto há a “impossibilidade” de alcançar os ditames da poesia social, pois quando ele tenta apresentar outras nuances de escrita, perde todos os aspectos positivos que demarcam sua poesia, mais voltada a um certo umbilicalismo, realçando a falta de naturalidade existente na sua pretensa virada mais sociológica. É importante notar que nos três críticos referidos, em textos escritos em diferentes épocas, a capacidade do autor de refletir o contexto social ou assumir uma dada posição perante os acontecimentos foi questionada e encarada como elemento de desvirtuamento, artificialidade ou mero oportunismo. Em tempos de exigências de posicionamento, de intervencionismo ou de engajamento por parte dos artistas em prol da transformação social e po-

lítica, tal qual ocorreu a partir da década de 1930 em Portugal e no mundo, quando a crítica era direcionada fortemente àqueles continuadores de numa atuação alienada e alienante, Botto era inquirido a continuar estático em sua escrita subjetivista. Ou seja, para que o autor mantivesse a qualidade esperada pela crítica literária de seu tempo, Botto necessitaria manter seus interesses estéticos e temáticos estagnados em um dado momento criativo para corresponder ao horizonte de expectativa que envolvia a sua obra. Tais anseios críticos foram limitadores e incapazes de perceber modificações sutis que passavam a ganhar lastro na poesia bottiana posterior, coroadas de forma mais radical na escrita assumida pelo autor nas obras compostas a partir da década de 1940.

Desse modo, salientar a afirmação de uma atmosfera política e social na poesia de António Botto durante as décadas de 1940 e 1950 não significa afirmar que antes sua escrita não fosse perpassada por tais questões. A diferença é que, nas suas últimas publicações, tais esferas são elementos claramente tematizados pelo poeta, revelando os seus posicionamentos sobre os eventos que buscou retratar em seus textos, assim como sua autoafirmação enquanto persona politicamente engajada como almejou construir em diversos poemas. Desde os primeiros livros que foram englobados no projeto *Canções*, a política, entendida num sentido mais amplo, é elemento fundamental da poesia bottiana, principalmente quando assume uma defesa da existência e da aceitação da homossexualidade, bem como opiniões do autor contra a moralidade e o preconceito que marcava a sociedade portuguesa. A presença do político e social nesta primeira poesia de Botto, de acordo com António Fernando Cascais, foi percebido principalmente pelos detratores do poeta, que levantaram a polémica contra a Literatura de Sodoma. Para Cascais, os defensores do poeta fizeram passar por literário um debate que era iminentemente extraliterário, diferente de seus opositores, que levaram a contro-

vérsia para a opinião pública, acentuando o caráter transgressor das obras acusadas de imoralidade e dissolução dos costumes sociais (2021, p. 44).

Se não foi a intenção de Botto, na época apenas um jovem de origem popular e sem o capital cultural de outros membros do campo literário português, causar uma revolução na maneira de representar o amor e o desejo sexual, sua obra teve impacto relevante naquele país em vias de modernização, ao apresentar o modo de vida homossexual para além do desvio, da doença e da anormalidade. À vista disso, as reflexões de Jacques Rancière (2005), que sinalizam para o fato de que os atos estéticos funcionam como configurações da experiência, as quais ensejam outros modos de sentir que induzem novas formas de subjetividade, auxiliam-nos para pensar as dimensões sociais e políticas da poesia de Botto, mesmo naquela considerada como mais esteticista e apolítica, pois apresenta outros modos de representar, inscrever e refletir as sensibilidades do seu tempo histórico, principalmente naquelas ligadas ao corpo e à sexualidade. Segundo o filósofo, algumas obras “fazem política” quaisquer que sejam as intenções que as regem, os tipos de inserção social dos artistas ou o modo como estas formas artísticas refletem estruturas ou movimentos sociais (RANCIÈRE, 2005, p. 19).

Dessa maneira, é importante levar em consideração as várias formas de apropriação do político e do social na poesia de Botto. Nas primeiras obras, essas são esferas da qual o autor parece querer um certo distanciamento consciente, mesmo que elas estejam fortemente impregnadas de questões sociais e políticas que respondem ao instante de criação, representadas de maneira discreta. Por outro lado, nas últimas obras, a dimensão política e social é parte inerente da escrita, principalmente na obra póstuma, quando tal criação estará mais afinada com seu tempo histórico imediato, refletindo experiências claramente circunstanciais, seja das vivên-

cias pessoais do poeta seja da sociedade. Isto é, há uma transformação no modo como Botto relaciona-se com o mundo exterior ao longo de seu percurso literário, que parece responder às demandas literárias de seu tempo.

Por isso, pensando as singularidades do estilo tardio de António Botto, *Ainda não se escreveu* traz em seu cerne temas e certas atitudes do autor que contrastavam com seu passado de distanciamento do contexto político, marcado por uma pretensa aura esteticista que tanto almejou reafirmar ao longo de seu percurso literário. Em contraposição, na década de 1950, o poeta parece querer assumir uma particular atitude de engajamento artístico e literário, expondo uma vontade de intervenção social e de compromisso político para com seu tempo histórico. O escritor, que nunca fora reconhecido como autor de uma obra engajada, tentou imprimir uma persona comprometida com a conjuntura político-social que existia e fazia sentido ao menos na configuração de seu universo poemático ulterior.

À visto disso, é sobre a virada engajada e a criação de uma voz denunciante da desigualdade social, da guerra e do progresso desmedido que iremos nos deter na reflexão da obra póstuma. O livro pode ser lido como um testemunho daquele período da trajetória do autor e como um testamento poético, formado por um compêndio dos principais temas que marcaram a sua poesia, apresentados como um lamento altissonante que transpõe os sentimentos e aflições acerca do declínio inexorável de sua carreira, marcada pelas dificuldades financeiras e pela crescente debilidade física e mental que o abateu nos últimos anos. Se antes Botto cantava a beleza e o prazer, na fase tardia cantou a crise, o fracasso, a revolta e a tristeza perante um mundo em intensas transformações.

ANTÓNIO BOTTO, UM PORTA-VOZ DE SEU TEMPO

A escrita de António Botto ulterior parece-nos uma tentativa de aproximação com as novas gerações literárias em formação, sem que houvesse o total abandono dos principais elementos delimitadores do seu projeto poético anterior, continuando muito das características que embalavam a sua escrita. Assim, o autor empreende um esforço poético híbrido, no qual evoca traços da poesia social e militante do período com o intimismo usual, relacionando-os com temas e estilos de suas próprias criações literárias iniciais, revelando atenção às preocupações que despontavam na constelação de autores de sua época. Portanto, de modo similar a outros escritores engajados politicamente, interessados tanto pelo mundo exterior quanto pelo seu próprio mundo interior, o poeta abre-se aos novos horizontes de criação e busca afirmar seu novo lugar na poesia.

Todavia, as contradições dos posicionamentos políticos e estéticos de Botto incentivaram o descrédito da crítica e da intelectualidade acerca da possibilidade de uma poesia politizada e engajada por parte do autor. A virada social mais radical de Botto, expressa em *Ainda não se escreveu*, parte de um lugar conservador, anticomunista e excessivamente religioso, devoto de uma certa “carolice” católica, ainda que se mostrasse crítico de algumas práticas impetradas pelos religiosos e dirigentes da Igreja. Eduardo Pitta afirma que muitos dos poemas da obra póstuma não teriam sido desdenhados por alguns dos mais destacados poetas neorrealistas atuantes durante aqueles anos, que facilmente o assinariam, mediante o testemunho destemido de Botto, zangado com o mundo e com as clivagens sociais (2018, p. 14). Porém, por mais que a obra apresentasse posicionamentos perante as desigualdades e os desmandos políticos, por causa do conservadorismo latente do autor, causou estranheza na crítica literária.

Pitta também aponta para a existência de um evidente enviesamento crítico que balizou a leitura e a recepção da obra desde o momento da sua publicação, principalmente quando se leva em consideração os posicionamentos políticos contraditórios e desagradáveis do poeta durante os anos de formação e consolidação do campo literário português mais engajado. Tal enviesamento pode ser examinado por meio de um paralelo com as afirmações de Joaquim Manuel Magalhães ao avaliar a obra de outro poeta tido como menor no cânone literário português, Pedro Homem de Melo. De acordo com Magalhães (1981, p. 39), escritores como Melo, em reflexão que acreditamos também caber a Botto, tenderam a ser injustamente esquecidos pelos dominadores da difusão da poesia portuguesa por estes serem predominantemente de esquerda, rechaçando autores que assumiram outras ideologias divergentes. Destarte, quaisquer contribuições destes escritores foram deixadas de lado, ainda que apresentassem produções dignas de nota por reunirem aspectos relevantes para a literatura, enquanto certos autores, por estarem intimamente ligados aos princípios ideológicos, ficaram resguardados de avaliações mais pungentes e enérgicas contra as deficiências estéticas de suas produções. Portanto, a interferência crítica prejudicou a maneira como circularam as obras de escritores que supostamente aderiram aos princípios conservadores da política portuguesa¹.

¹ Na obra de António Botto, é possível encontrar comentários elogiosos ao regime salazarista, seja em *Ainda não se escreveu* ou em outros textos publicados. Um dos poemas da obra póstuma destaca o novo Portugal, transformado pela política assistencialista impetrada por Salazar: “Poucos governos olharam/ Para a situação do povo/ Nestes últimos vinte anos:/ Da moeda, do turismo,/ Do custo do passadio,/ A garantia do aluguel/ Na casa para morar/ No presente e na velhice/ – Em particular e em geral./ E desses poucos, aponto/ O governo que transformou/ A minha Pátria num país/ De louvor universal./ – Por isso me orgulho de ter nascido/ No meu restaurado Portugal.” (BOTTO, 1959, p. 144). Tal poema parece compartilhar de uma mesma opinião expressa em carta enviada

Ainda que apresentasse em sua poesia tardia ecos das preocupações inerentes à constelação de poetas de reconhecida atuação política e artística, bem como resquícios de certos procedimentos estéticos operados por eles, Botto assumia uma posição conflitante perante parcela considerável do campo literário da época. O testemunho poético do poeta é atravessado por uma série de posicionamentos que mesclaram doses de progressismo e consciência social a alarmantes conservadorismos, sobretudo pela afirmação de um discurso católico e anticomunista. Do mesmo modo que Botto expôs sem véus o homoerotismo em sua poesia inicial, também não pareceu constranger-se em advogar as suas convicções ideológicas que iam na contramão do campo literário, apesar de defender pontos como a divisão das riquezas² ou questionar o sistema prisional³, em ideias

por Botto ao jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, na qual o poeta desmente que seu exílio era resultado de motivações políticas: “Em PRIMEIRO LUGAR – eu sempre fui, sou e serei, um verdadeiro defensor consciente e dedicado da política construtiva do Senhor Ministro Doutor Oliveira Salazar. Nunca na minha alma, senti o mais pequeno desacordo diante da sua obra largamente assombrosa, nem a minha boca proferiu uma palavra que não fosse a límpida expressão do meu profundo agradecimento ao Homem que fez da minha Pátria, a terra mais linda e uma das mais civilizadas do mundo” (*Última Hora*, 29 de agosto de 1956, p. 3).

2 “Eu lembro, primeiramente,/ Que a vida não pertence a UM,/ Mas a um TODO, a um TOTAL./ E quem diz vida diz natureza,/ E natureza diz terra,/ E a terra deu o direito/ A uma parcela própria, –/ Larga e bela, individual./ Por que razão não se fazem/ As partilhas numa festa/ E essa festa um arraial?/ É fácil de organizar/ Essa universal entrega/ De juro e capital.” (BOTTO, 1959, p. 141)

3 “Se é crime não dar trabalho/ A quem quer ir trabalhar,/ Perguntar: – por que motivo/ São condenados os que roubam/ Se os obrigam a roubar?/ Quem for casado, com filhos/ E mais família, despesas,/ E doenças/ Ir à escola,/ Livros, brinquedos e o mais/ – Como é que podem resistir/ Em trágicas incertezas/ De nunca chegarem a viver,/ Rebaixados no insulto/ De não terem que comer?/

que poderiam habitar a produção de outros escritores de posicionamentos divergentes.

Posto isto, é a partir dos pontos elencados que pensamos a singularidade de *Ainda não se escreveu* em fins da década de 1950, por parte de um autor como Botto, partindo da análise de alguns dos poemas reunidos no livro. Tal esforço tenta tornar produtiva as contradições evidenciadas pelo poeta no conjunto da poesia reunida nesta obra, mostrando um escritor perplexo com o mundo em (des)construção, ao mesmo tempo em que busca adequar-se ao novo. Para isso, flerta com as novas temáticas, os novos modismos artísticos, os novos debates em voga. De certo modo, a obra expressa em muitos poemas um olhar pseudoneorrealista com características muito próprias e inusitadas, publicada no instante de ultrapassagem do movimento. Os textos do poeta surgem defasados e anacrônicos, além de esvaziados politicamente, devido ao lugar ocupado por Botto no campo literário e político, reproduzindo alguns dos principais aspectos negativos que marcaram a prática de muitos escritores do período. Alexandre Pinheiro Torres, ao esboçar a história do neorrealismo em Portugal, assevera que muita da produção inicial padeceu do panfletarismo, “a doença na literatura social”, tornando claro que quanto mais forçado era o intuito do autor em se aproximar ou refletir as classes populares, menos convincente era a obra produzida (1977, p. 15). Logo, os anos heroicos do movimento ofereceram poucos textos que ultrapassassem a condição de meros documentos literários de meados do século XX, devido às suas debilidades artísticas, e o livro póstumo de Botto, reunindo a sua produção final, não obteve um destino diferente por não acompanhar o grau evolutivo tomado pelos principais partidários da nova corrente.

São condenados à morte/ – Essa que mata lentamente/ E nunca se deixa ver.”
(BOTTO, 1959, p. 142-143)

Podemos avaliar a aproximação de Botto com os princípios do movimento em “Pinheiral do Cadaval”, em um dos poemas onde fica mais nítido os seus pendores pseudoneorrealistas de certos textos, no qual o poeta denuncia a exploração dos trabalhadores da pequena localidade:

[...] Pinheiral e catedral
Plantada por meus avós
Não nos deixes fazer mal,
Pede ao vento que te ajude
Em galopes de ameaça
A escorraçar os intrusos
Que queiram vir governar
Teus ramos, tuas madeiras
De aroma consolador
– O ar saudável dos pinheiros
Que deram descobridores
A todos os nossos marinheiros.

Ou será a água que canta
Correndo a cantar e apressada?
Que bela garganta
Que a canta magoada.

Lembra bem o pensamento
Que adormece o choro ralo
Do pobre que fica ao relento
À espera do intervalo
Em que morra o avarento?

[...] Dos trabalhadores que fazem
Chagas e feridas nos teus pés,
Conta-me tudo quanto sentes,
E se és o meu velho amigo
– A mim eu sei que não mentes?

‘Levam a resina bonita e sagrada
E sem um só grito não pedimos nada.’

Pinheiras do amor, cabeça deitada,
Resina divina e tão procurada.
Porque não protestam
Não abrindo as veias?

‘Deitavam-nos fogo
Com a lenha a arder,
Ou então cortavam
Os braços e o corpo
Dos filhos mais novinhos
Que precisam de crescer.

São chagas que sevam na ingratidão
De tudo que lhes darmos –
E até o caixão.’
Nisto, a natureza paralisou
Num silencio gigantesco
Porque o vento mais fresco
E apressado,
Estremeceu no pinheiral
E foi-se deitar,
Como a luz que foge para um segredo
Que precisa de escutar,
Deixando atrás a tremura
De quem nos diz que tem medo. (BOTTO, 1959, p. 52-55).

O poema apresenta o empreendimento extrativista da região, realçando a brutalidade das relações trabalhistas entre agricultores e os patrões através da voz dos trabalhadores explorados pelo capital. O eu lírico, imerso na beleza das paisagens da região, nostálgicas para ele, choca-se com o cotidiano opressivo e tenta instigar reações

de protesto por parte dos plantadores dos pinheiros, a matéria-prima subtraída pela ação gananciosa dos “intrusos”. Dessa forma, o poeta realça a resignação contra a exploração, destacando o medo das reprimendas por parte dos exploradores. Distanciando-se dos arroubos de outros textos do livro, como se valer da crise dos valores cristãos para explicar as motivações das disparidades sociais, o poeta assume características mais sóbrias para pensar os conflitos de classe, num diálogo com temas recorrentes da escrita neorrealista, transparecendo ecos possíveis do movimento na sua criação poética. Porém, apesar do aspecto da denúncia realçado na maioria do conjunto da obra póstuma, tal poesia raras vezes assume uma atitude confrontadora, ocasionando a ausência de questionamento do status quo da sociedade. Decerto, alguns dos textos apresentados na coletânea padecem de certo tom populista e melodramático, repleto de apontamentos que beiram mais o senso-comum do que reflexões embasadas em aspectos contundentes.

Sendo assim, mostra-se oportuno recorrermos ao texto de abertura a fim de ponderar algumas das características de *Ainda não se escreveu*, por ele demonstrar as motivações do autor para a realização do conjunto da poesia reunida. Botto sublinha desde as primeiras linhas o seu interesse especial pela “existência mundial dos povos”, deslocando a contumaz busca de expressão de sua interioridade para a análise dos dilemas que afligiam a sociedade naqueles anos. Na coletânea, o poeta apresenta uma outra relação com o presente ao impregnar a sua escrita de uma consciência histórica testemunha dos traços perturbadores da época, que reafirmavam e reiteravam a desigualdade social, destacando a elevação do preço do nível de vida, a degradação dos valores, o temor da corrida armamentista e nuclear e a continuidade das guerras que afligiam a Europa e o mundo:

Depois de onze anos ausente da minha Pátria, sem publicar, sequer uma única obra inédita, apareço, finalmente aos meus ami-

gos e leitores, com o primeiro volume de muitos outros que fui escrevendo neste prolongado exílio [...] Se resolvi viajar, mais uma vez, foi para melhor estudar a existência mundial dos povos, e as causas que a tornavam insuportável e, talvez, incompreensível [...]. A existência actual dos povos não tem nada de complicado. É, até, muito fácil compreendê-la. O preço da vida, em todas as necessidades que ela nos pede e apresenta, elevou-se a essas alturas demasiadas em que o pobre trabalhador, como eu, tem que fazer cruces na boca para poder lá chegar de vez em quando. Os conflitos internacionais levantam-se a cada passo debaixo dos pés dos que vivem sacrificados. É preciso ter muita atenção por tudo quanto se vai desenrolando, em todas os países, para se chegar a uma conclusão prática e serena. Parece que a humanidade pretende afastar-se do que tem sido, enterrar tudo quanto foi, para ir ao encontro dessa aventura dos astros, dessa astronómica interrogação, que vai sendo uma espécie de futebol mais perigoso e difícil. Jogar com uma bola de sola num Maracanã, cheio de entusiasmo e delírio, quer chova quer faça sol, não me parece que seja o mesmo que jogar com as estrelas. (BOTTO, 1959, p. III e IV).

Na passagem destacada, percebe-se, para além da revolta contra as desigualdades sociais, o substancial impacto da Guerra Fria no elenco dos temas destacados por Botto, motivos que irão povoar parte considerável dos poemas do livro, principalmente o medo da iminente eclosão da bomba atômica e a desconfiança em relação ao progresso, expresso na busca do avanço tecnológico por parte das potências mundiais. O imaginário da guerra entre os Estados Unidos e a União Soviética, que influenciou muitas outras esferas da indústria cultural do período, certamente abalou a veia criativa do autor. O poeta voltou-se recorrentemente contra a corrida armamentista e espacial, como fica claro na utilização constante de um léxico que remete às estrelas e a outros elementos astronômicos, tomados enquanto componentes de descrédito e repulsa pelo avançar tecnoló-

gico desmedido, destruidor dos valores e das experiências tradicionais. No poema a seguir, podemos averiguar as reflexões de Botto em torno da exploração espacial como resultado da ambição humana, responsáveis pela busca de lucros exacerbados, expondo a lógica do sistema capitalista:

A nossa ambição nunca mais para.

Queremos novos planetas,
E para isso ensaiamos
Os foguetes complicados
Que passam a andar perdidos
Nos espaços elevados.

[...] O Homem procura sempre.
Farto de não encontrar
Mais minas de capital
Neste mundo pendurado
Na mão da fatalidade
– Quer avançar no invisível
Na rotação das esferas,
Problemas que ninguém deve
Tentar de perto desvendar.

[...] Estas observações
Devem ser interpretadas
Como um sorriso que diz:
‘ – Este nasceu em bom tempo.
Sempre atrasados os Poetas
No seu espírito prático
Isento de astronomia?’

(...) Somos pontos, reticências,
 Nos labirintos em que luz
 Nasce dos mares, da reacção
 De combustíveis, descargas
 – Electricidade, apenas.

Fazemos parte da represa,
 Do Dínamo, do conjunto
 Da máquina sideral,
 Por conseguinte, brinquemos
 Enquanto formos pequenos
 Às escondidas num quintal. (BOTTO, 1959, p. 56-58).

Logo, podemos perceber uma produção atravessada pelos ruídos do tempo de sua escrita, impactada pelo imaginário da década de 1950. Os textos, como o destacado acima, refletem aspectos pungentes da tônica desenvolvimentista de sua época, um período de modernização que afetava até mesmo as nações periféricas do globo. Nesse processo, o choque modernizante modificava continuamente as práticas e os costumes que arregimentaram a cultura ocidental até metade do século XX. O fim da Segunda Guerra abriu caminhos para um acelerado processo de transformação que não foi acompanhado por todos, e Botto parece ser um dos que sofreram com o desfazimento do mundo conhecido. Não é à toa o ceticismo em relação ao avanço tecnológico, destruidor do estilo de vida a que estava acostumado.

Outra faceta relevante no conjunto de poemas de *Ainda não se escreveu* é a reflexão do papel privilegiado do poeta como porta-voz, como representante, daqueles que não possuem meios para reivindicar seus direitos por igualdade e por justiça. Botto, muitas vezes, insere-se num lugar muito próximo das camadas populares que busca representar na sua poesia, numa constante interlocução com o leitor, apresentando-se como próximo dele, destacando a sua posição de poeta-trabalha-

dor, também parte da massa menosprezada, sujeito às desigualdades que demarcavam as relações sociais assimétricas. Como resultado, não se debruça apenas sobre o povo, mas mistura-se a ele, a ponto de suas obras servirem como a voz popular silenciada, afastando-se de uma dada objetividade construída pela poesia realista, dona de um olhar sociológico pouco afetado pelos grupos que buscavam representar. Num gesto que o aproxima em certa medida da estética neorrealista, Botto irá remeter continuamente a um “nós”, a uma ideia de coletivo, mas sem perder de vista o próprio eu, principalmente quando sua poesia traz consigo uma forte dose de confessionalismo, construído a partir de inúmeros biografemas que apontam para elementos de suas vivências pessoais, tanto do passado quanto do presente.

No intuito de demarcar a proximidade com seus leitores, Botto focaliza os percalços com a precariedade das moradias, o desemprego, os baixos salários, o alto custo de vida, a dificuldade de garantir a subsistência, adversidades que na esfera extraliterária afetavam também a sua própria vida de imigrante pobre no Brasil. Um poema exemplar de tal indiferenciação social entre poeta e leitor aparece em “Canção e Dedicatória”:

Quero dar-te a minha voz
 Para cantar a tua vida
 Em tudo quanto precisa,
 Para que tu não vivas mais
 Com o corpo sem camisa.

Sou aquele que vem para dar tudo o que tem
 Sem que lhe peçam.
 O que se entrega por amor e por gostar de amar,
 O que vive pelo impulso da justiça
 E da verdadeira humanidade,
 E que marcha sempre em frente
 Para o encontro da verdade.

[...] Acompanhei os teus passos, dia a dia,
– Sem tu saberes,
Porque todos os teus passos coincidem
Com esse asfocado e denso respirar da multidão
Anónima, sacrificada.

Eu sou o teu companheiro
Que nunca te pediu nada.

[...] Tu que és o POVO e que nascente como eu
Da riquíssima herança que nunca se recebeu,
Sou esse que trabalha como tu,
E mora nas mansardas onde o conforto não existe,
E dentro de bairros imundos, de ruas esburacadas,
Janelas que nunca tiveram vidros
Para nunca entrarem as nortadas.

Irritado e violento, sacudo a podridão
Actual do mundo
Para punir por quem não tem.
Grito do fundo do meu coração
Pela amargura quieta desta desgraçada confusão
De esfomeados
E que andam perdidos, maltratados,
Em quartos alugados que não podem pagar, e vão
Para as cadeias onde apodrecem celerados
Que roubam e que matam sem cumprirem punição

[...] Morro e sofro com vocês
Povos de todo o mundo sacrificado
E sem nunca deixar de ser o Poeta Português.
(BOTTO, 1959, p. 13-15).

Como o título aponta, o poema, disposto como dedicatória ao principal destinatário da coletânea, o povo, assinalado em caixa alta, su-

blinha a proximidade e o sentimento de empatia do poeta por aqueles que busca representar. A performance de porta-voz das agruras populares será encenada algumas vezes em *Ainda não se escreveu*, onde Botto reafirmará o seu compromisso em testemunhar e protestar em nome dos pobres, retirando-as da obscuridade e da indiferença. Desse modo, o eu lírico apresenta o seu esforço de se colocar no lugar dos sacrificados, de sentir as suas dores, reafirmando o dever de luta do poeta no combate às desigualdades que os afligem. O olhar voltado ao povo, aos anônimos, à multidão de injustiçados, reafirma o compromisso social reiterado em diversos poemas da obra. Em suma, a preocupação de Botto é pensada a partir da mundivivência do “Homem-Povo”, local do qual o poeta sustenta que sua poesia é mais sincera do que de outros que falam em nome das camadas populares, afinal ele entende o povo por ser parte integrante dele. Apesar do privilégio de possuir uma voz altissonante contra a opressão vivida, tal poder contrapõem-se com a posição ostracizada do escritor fora da ficção, onde suas palavras de ordem pouco podiam exprimir alguma capacidade de mobilização. Todavia, se seu potencial de intervenção social era praticamente nulo no mundo extraliterário, a imagem de si promovida no texto poético irá demonstrar a atitude megalômana frequente em parte da produção literária e da vida pública de Botto.

Como pode-se perceber em alguns dos poemas, a tônica populista da poesia de Botto é facilmente identificável, sublinhada na reiteração constante da ligação intrínseca entre o poeta e as camadas populares, por meio da presença de sujeitos poéticos altruístas que se valem do seu lugar destacado na esfera social para poder se posicionar contra a opressão e lutar em defesa dos seus direitos. Mas, para além de textos que, por vezes, beiram a ingenuidade, o autor elabora também posicionamentos mais contundentes, nos quais analisa os desmandos dos políticos, apresentados enquanto corruptos e insen-

síveis à verdadeira situação do povo, a falta de ética da sociedade, assim como a ausência de valores cristãos na construção de sentimentos empáticos aos mais necessitados.

No fragmento do poema abaixo, Botto traça interessante reflexão em torno da desigualdade econômica e social, buscando compreender as justificativas da discrepância de renda entre as classes, a partir da ótica de um indivíduo pobre, consciente da miséria que vive ele e da situação de seus semelhantes. O poeta, que por diversas vezes mostra sua perplexidade perante a excessiva acumulação de poucos privilegiados, enquanto outros amargam a mais terrível miséria, ressalta o alto custo de vida de sua época. O texto apresenta a condição miserável do povo, destacando os espectros da fome e da indignidade social, fantasmas que rondavam grande parte da população, sujeitas à ausência de políticas públicas dos governantes e pela falta de empatia das classes abastadas:

Ainda não se escreveu

Essa História do não ter
Porque todo o que enriquece
Sem base e sempre a correr,
Devia ser obrigado
Por lei a vir-nos dizer
Onde viu tanto dinheiro,
E em que lugar o viu nascer
Para poder guardar tanto
– Sem que eu nunca o possa ter?

Esta expressão dolorosa
Foi-me dada pelo pobre
Que me vem pedir a esmola
Diária para viver.

[...] Passo adiante. O leitor
Que encontrar nesta cantiga,
Ou poema se quiser –
O fundo que eu não aponto
Pela palavra rimada
Na mais humilde poesia,
Esbarra na conclusão
Que vai no simples pormenor,
Fechado, naturalmente,
Com a luz da intenção.
Mas, disse-me: – se publicam
Tantos decretos e leis
Que não adiantam nada,
Porque não fazem só uma
– Aquela única lei
Que deve ser publicada?
Sabem qual é? – Proibir
Os que dão a quem pedir
O pão que querem comer,
Porque em geral não trabalham
Pela crise mundial
Da falta de emprego e trabalho.
Outros que trabalharam
E que perderam a saúde,
E as forças nessa labuta
Da luta pelo que é seu
E precisam de viver
Arrastam-se nas esquinas
Mendigando envergonhados
Um pouco do que lhe devem
Esses que são afortunados,
E nunca fizeram nada
Senão mandar e gastar. (BOTTO, 1959, p. 135-136, grifos do autor).

Por fim, destacamos como os anos de António Botto no Brasil foram cruciais para a inflexão poética que representou *Ainda não se escreveu* no conjunto literário do autor. Embora haja poucas referências diretas ao país no conjunto de poemas, podemos captar elementos que parecem estar relacionados às últimas vivências do poeta, principalmente as suas inúmeras desventuras, significantes para a mudança de perspectiva operada pelo escritor na obra tardia. Há alusões a algumas localidades e outros elementos característicos da paisagem do Rio de Janeiro, cidade brasileira onde viveu por mais tempo durante o exílio, como as praias, as favelas, os campos de futebol, os bares e as ruas caóticas, repletas de problemas decorrentes do crescimento desmedido e desigual. Se os primeiros anos do autor no Brasil pareceram trazer algum tipo de otimismo e revigoração para a sua estagnada carreira, os vários dissabores experienciados no país serviram para aumentar os sentimentos de revolta e de fomentar uma inusitada consciência de classe que foram traduzidos nesta poesia.

Anna Klobucka, ao remeter ao período que Botto viveu no Brasil, afirma que a energia positiva e a exuberância fantasiosa que animaram alguns dos principais testemunhos do autor no país cedem à expressão contínua de momentos cada vez mais melancólicos, acentuando cada vez mais a crescente desilusão e o desespero com sua pobreza material e a falta de estabilidade de sua vida (KLOBUCKA, 2018, p. 230). A partir do apoio de muitas das informações extraliterárias deixadas por Botto, como as descritas nos relatos privados de seus diários e em outras manifestações que chegaram até o presente, como os registros na imprensa, somos informados sobre muitas marcas expostas que formam o tecido poético do autor. Elas servem de testemunho a muitas questões que desestabilizavam a consciência do poeta e representam o presente da escritura da poesia aqui investigada. No fragmento de uma longa canção, na qual Botto reflete

sobre o fazer poético, desdobrando-se em várias acusações contra o campo literário, mas também sobre os problemas sociais e políticos, fica evidente a remissão às experiências brasileiras destacadas nos seus relatos pessoais:

[...] Sujidade, arranhaduras profundas
Nos asfaltos
De ruas desfiguradas
Como farrapos de cidade
Que as autoridades não enxergam,
Para não diminuir a verba
Necessária para banquetes
De homenagem a *salvadores*
Da Instituição humana,
Ou para o *automóvel* caminhar
Ao encontro de *novecentos negócios*,
Solicitadas nomeações demoradas
E o que são indispensáveis
Por motivos de ordem particular
E governamental,
A entrevista de uma mulher *importante*,
À espera de um lugar disfarçado
E que tem a maior influência
No partido mais popularizado,
– Ervas, papéis de responsabilidade
Que se queimam,
Água suja e parada nas valetas
Entupidas e não consertadas
Para poderem ser úteis
Ao trânsito, à população?
Melhor que fiquem abandonadas
Para a rica oportunidade
Do *benfeitor* que, no testamento,
Deixa fortuna e rendimento
Com o qual se pode fazer

Um concerto mais radical.
 E se algum jornal vier com a chatice
 De que desprezar os aspectos
 Aparentes de uma capital
 É distribuir o parasita
 Da tal revolta de ordem social,
 Responder, com a frase brasileira:
 – O jornal é bobo a mexer
 Em assunto secundário. [...] (BOTTO, 1959, p.83-84,
 grifos do autor).

A canção, vertiginosa e convulsa, como boa parte da obra, saltando de um assunto a outro, busca responder ao questionamento inicial sobre o que é a poesia. O poema parte desta reflexão recorrente na tradição poética para desencadear uma série de outras ponderações que aparentemente não estão interligadas a tal pergunta, mas servem o propósito de pensar a variedade de coisas que podem ser respondidas através do discurso poético. Porém, sobretudo, o que podemos destacar de mais evidente no texto é a mordacidade de Botto em desancar seu olhar para muitos dos problemas crônicos da sociedade brasileira daquela época. As contrariedades decorrentes dos altos custos das moradias, do problema de habitação, salientado pela precariedade das pensões e das casas insalubres, a crítica da má gestão das autoridades municipais responsáveis pelo caos urbano, a preocupação com o excesso e a desordem do trânsito, a falta de infraestrutura para lidar com questões como as enchentes anuais e o caos da saúde pública, serão alguns dos pontos abordados no poema e que serão reiterados na obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antônio Botto sempre se mostrou um escritor sensível à miséria social, simpatizando especialmente com as dores e infelicidades dos marginalizados e dos desclassificados da sociedade, como os pobres, os mendigos, as prostitutas e os homossexuais. Provavelmente, suas experiências nos

bairros pobres lisboetas contribuíram para tal ligação com as camadas subalternas da população, habitantes constantes de sua criação literária. Contudo, será na produção tardia que tal simpatia será direcionada a um outro viés, mais politizado e socialmente consciente, representante das novas aspirações estéticas que o escritor tentou vincular a seu projeto poético. No entanto, esta poesia, embora transparecesse o clima político e social do período de sua produção, era afirmada enquanto fruto de uma atitude supostamente apolítica, numa clara contrariedade com os próprios temas abordados na sua obra póstuma. Em diversas entrevistas para os periódicos brasileiros, Botto corroborou a imagem de um escritor antipolítico: “Sou, visceralmente, anti-político. Não aprecio a política, não tenho pitada desse veneno na alma” e “não sou um político: sou um poeta” (*Revista da Semana*, 19/05/1959, p. 20), reafirmando o afastamento desinteressado dos assuntos corriqueiros do contexto de sua época. De certo modo, o autor tentava fazer a manutenção da sua aura *dandy* e esteticista, com que foi celebrado desde o momento de sua chegada ao Brasil.

Entretanto, como fica evidente nos diversos poemas destacados, Botto mostrou-se atento às questões políticas daqueles anos e traduziu seus anseios, complexos e questionamentos para o texto poético, em versos muitas vezes panfletários, de qualidade questionável, mas de sensibilidade que merece ser levada em consideração. Seus arroubos contra a exploração das camadas populares, a injustiça, a fome, o desemprego e a guerra mostram que a dureza dos novos tempos atravessou sua poesia de maneira ambivalente, revelando suas contradições claras, onde habita o poeta progressista e o poeta conservador desejoso de transformações sociais. Sem necessariamente ansiar por um movimento revolucionário, sua poesia apresenta uma crítica da realidade e um projeto de uma sociedade mais justa e igualitária, consciente da responsabilidade humana da atuação literária dos escritores naquele momento histórico específico.

RECEBIDO: 29/04/2023 APROVADO: 12/05/2023

REFERÊNCIAS

- BATALHA, Maria Cristina. O que é uma literatura menor? *Cerrados*, Brasília, n. 35, p. 113-134, 2013.
- BOTTO, António. *Ainda não se escreveu*. Lisboa: Edições Ática, 1959.
- BOTTO, António. *Baionetas da morte*. Lisboa: [s. n.], 1936.
- BOTTO, António. *Canções*. Lisboa: Guimarães, 2010.
- BOTTO, António. *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018 [e-book].
- CASCAIS, António Fernando. Pessoa, louvor e execração de António Botto. In: RIBEIRO, Nuno; BASTOS, Margarida Almeida (org.). *António Botto e Fernando Pessoa: poéticas em diálogo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2021. p. 27-46.
- KLOBUCKA, Anna. *O mundo gay de António Botto*. Lisboa: Documenta, 2018.
- MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Os dois crepúsculos: sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.
- PITTA, Eduardo. Toda a ousadia será castigada. In: BOTTO, António. *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018. p. 3-18. [e-book]
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- REVISTA *da Semana*, “António Botto, o amor e a enfermidade, 19 de maio de 1956, p. 19-20.
- SALEMA, Alvaro. “Ainda não se escreveu”. In: *Diário de Lisboa*, 1959.
- SENA, Jorge de. “António Botto”. In: *Estudos de Literatura Portuguesa – III*. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 187-192.
- SOL Nascente, “O temperamento na criação artística”, n. 4, 15 de março de 1937, p. 16.
- TORRES, Alexandre Pinheiro. *O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.
- ÚLTIMA Hora, “António Boto responde”, 29 de agosto de 1956, p. 3.

MINICURRÍCULO

OSCAR JOSÉ DE PAULA NETO é Doutorando em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense. Bolsista CAPES.